

## FANTASMAS DO CINEMA BRASILEIRO

O convidado deste Dossiê é Roberto Stelzer, fotógrafo e ilustrador

## Observações sobre as condições atuais do cinema do Brasil

### 1) Tratado de Tordesilhas

As sementes do *Liberalismus miltonianos* produzidas nos laboratórios de Chicago encontraram terreno fértil na inteligência brasileira. Pela esquerda, vingou no terreno da desilusão marxista. Pela direita, no solo da hipertrofia estatal.

Acompanhamos, estarecidos, homens de governo, das letras e das artes igualmente adequando-se ao receituário neoliberal, o maior engodo que um império já vendeu, desde o Tratado de Tordesilhas (a que os sérios – Inglaterra, Holanda e França – nunca deram trela). Em nome deste astucioso sofisma jogamos fora 90 anos de conquistas do Cinema Brasileiro, mais de 30% do mercado e mais de 80 filmes/ano. Abrimos a porta ao fantasma.

### 2) Girando em torno do rabo

Quantidade e qualidade de produto promovem pressão sobre o mercado, mas caminhando solitárias não viabilizam cinematografias. As regras desse jogo são muito mais complexas do que a simples existência de bons produtos. No final dos 90 já temos um quantidade razoável de títulos (25/ano) para ocupação de 20% do mercado.

Não chegamos a tal pois os filmes não alcançam rentabilidade e/ou visibilidade suficientes (hoje, algo em torno de 20% de seu potencial). O custo/benefício, portanto, torna-se alto e vem provocando recesso nos investimentos. Para que se interrompa a espiral descendente é necessário incrementar o retorno comercial.

### 3) Lei de Newton

Mas, como dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, se queremos parcela do mercado, “alguém” haverá de renunciar a ela. Não basta festejar a modernização e ampliação do circuito exibidor. Isso equivaleria a que o vendedor de cachorro-quente comemorasse a expansão da rede McDonald's. O espaço possível não é virtual. É o que aí está, deve ser disputado título a título, poltrona a poltrona, em condições isonômicas com o produto estrangeiro. “Isonomia competitiva”, como defende Gustavo Dahl. Ou seja, que o Cinema Brasileiro possa competir nos parâmetros do livre comércio. Onde o produto tenha condições de visibilidade e oferta, que o espectador decida pelo seu consumo. E que seu sucesso não seja apenas determinado pelos cartéis, oligopólios e *dumpings* tão presentes na atividade. A essa isonomia competitiva, acrescento, corresponde uma isonomia de vontade política. É bom lembrar que o Cinema Brasileiro não dispõe sequer de um órgão que promova a convergência e o arbítrio entre as necessidades sociais, os interesses comerciais e os industriais.

Como exemplo, temos as telecomunicações, o petróleo, a energia que, embora operando sob a égide da economia de mercado, encontram nas respectivas “agências” seu veículo de ação governamental. Que, reunindo os protagonistas e as informações, formulam, regulam e normatizam a política do setor. No cinema, a ação tem se restringido ao incentivo à produção. Nem sequer a legislação existente tem sido respeitada ou atualizada (vide Cota de Tela e Decreto-Lei 1.900/81). Ações isoladas como a leis de renúncia fiscal, mesmo que positivas, não chegam longe. Esgotam-se em si mesmas, desperdiçando oportunidades, energia, recursos humanos e materiais. Não avançaremos mais sem vontade expressa em uma política pública com visão e ação sistêmicas.

## 4) Duelo semântico

Mesmo não havendo forum adequado (a Comissão Nacional de Cinema do MinC não tem as atribuições suficientes), muitas e variadas têm sido as proposições para que a atividade seja sustentável. O universo inteligente do Cinema Brasileiro é abrangente e comporta as mais diversas concepções de política pública, possibilitando atender à totalidade do espectro ideológico. Do mais estatizante ao mais privatizante. Do mais comercial ao mais cultural. Do mais intervencionista ao mais liberal. Da soma, do cruzamento e da interposição de todas essas alternativas. Mas, por nenhum caminho tem-se optado. As autoridades respondem às constatações de "ausência de política" denominando-a de "política insuficiente", transformando um necessário e fértil debate em estéril duelo semântico. Enquanto isso, a atividade mantém-se desorganizada e os tradicionais adversários insuflam a opinião pública contra o Cinema Brasileiro. A mesma e centenária tática de desmoralização. Radicalizada nos anos 80, quando o tamanho do Cinema Brasileiro representou verdadeira ameaça.

## 5) Panela velha

Estamos em Julho de 1999, nove anos após a terra arrasada e quatro anos e meio de continuidade administrativa. Está mais do que na hora de uma boa avaliação sobre o período. Já temos massa crítica para reorientar a trajetória. Com olhos despidos de preconceitos e de ideologias. O Cinema Brasileiro não tem alternativa que não seja elaborar seu próprio método. Livrar-se da esquizofrênica condição de freqüentar apenas pódios ou sarjetas. Com mais conceitos e idéias, menos receitas e ideologias. Inovando a partir de sua história. De 90 anos passados de erros e acertos. Formulando a partir das experiências e da audição. Traçando objetivos com prazos e buscando resultados.

## 6) Roberto Farias

Foi um prazer imenso saber que um cineasta como Roberto Farias, responsável por uma parcela vitoriosa da história do Cinema Brasileiro, a despeito de todas as dificuldades que enfrenta como autor/produtor, mantém-se íntegro na divulgação e defesa de seus ideais. É um exemplo de *Homus Cinematographicus Brasilienses*. Não se curva aos modismos da estética e da política. Segue seu caminho com coerência e dignidade.

Saudações cinematográficas a todos os leitores.

Augusto Sevá

Produtor e Diretor de cinema (*A Caminho das Índias e Real Desejo*)

